



Corpos em erupção: mulheres negras, escrita erótica e circuitos alternativos de publicação

Erupting bodies: black women, erotic writing and alternative publishing circuits

Cuerpos em erupción: mujeres negras, escritura erótica y circuitos editoriales alternativos

Ana Terra Araújo*

Elizabeth Gonzaga de Lima**

Resumo

O trabalho investiga a escrita erótica produzida por mulheres negras nos circuitos alternativos de publicação. Levando em consideração que, na década de 1990, surgiram novas(os) escritoras(es) que publicavam suas produções nas mídias digitais, os circuitos alternativos são uma consequência desse fenômeno de escrita, que nasce no suporte da rede e precisa recorrer a publicação extramercado, uma vez que não encontram espaço no mercado editorial tradicional. Para as mulheres negras, os circuitos alternativos oportunizam o espaço para tecer relatos sobre si, sobre seu corpo e suas experiências e, para ilustrar essa investigação, é utilizado o livro *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusas* (2015), organizado e publicado pelo coletivo Louva Deusas. De caráter bibliográfico, esse trabalho fundamenta-se nas contribuições de Cornejo Polar (2000), Josefina Ludmer (2013), Regina Dalcastagnè (2012), Hugo Achugar (2006), Ítalo Moriconi (2020), Audre Lorde (2020), Stig Hjarvard (2014), bell hooks (2021) e Luiz Henrique de Oliveira (2018). Desse modo, o estudo apresenta os circuitos alternativos de publicação como um fenômeno do contemporâneo, que tem possibilitado às mulheres negras que se dedicam ao exercício da escrita erótica, a chance de ocupar a cena literária e rasurar um sistema que as colocou à margem do mercado editorial tradicional e da produção intelectual por meio da objetificação dos seus corpos e controle de suas vozes.

Palavras-chave: escrita erótica; circuitos alternativos de publicação; mulheres negras; *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusas*.

Abstract

The work investigates the erotic writing produced by black women on alternative publishing circuits. Bearing in mind that the 1990s saw the emergence of new writers who published their work on digital media, the alternative circuits are a consequence of this phenomenon of writing that is born on the web and has to resort to extra-market publication, since they can't find space in the traditional publishing market. For black women, alternative circuits provide a space to tell stories about themselves, their bodies and their experiences - and to illustrate this research, we use the book *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusas* (2015), organized and published by the Louva Deusas collective. This bibliographical work is based on the contributions of Cornejo Polar (2000), Josefina Ludmer (2013), Regina

Resumen

Este artículo investiga la escritura erótica de las mujeres negras en los circuitos alternativos de publicación. Teniendo en cuenta que en la década de 1990 surgieron nuevos escritores que publicaban sus obras en soportes digitales, los circuitos alternativos son una consecuencia de este fenómeno de escritura que nace en la red y que tiene que recurrir a la publicación extramuros, ya que no encuentra espacio en el mercado editorial tradicional. Para las mujeres negras, los circuitos alternativos ofrecen un espacio para contar historias sobre sí mismas, sus cuerpos y sus experiencias, y para ilustrar esta investigación utilizamos el libro *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusas* (2015), organizado y publicado por el colectivo Louva Deusas. Esta obra bibliográfica se basa en las contribuciones de Cornejo Polar (2000),

*Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL), Salvador, BA, Brasil.

orcid.org/0000-0002-8237-4385. E-mail: anaterarraujo@gmail.com

**Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora Pleno no Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL), Salvador, BA, Brasil. orcid.org/0000-0002-3877-3776. E-mail: profbethliteratura@gmail.com

Dalcastagnè (2012), Hugo Achugar (2006), Ítalo Moriconi (2020), Audre Lorde (2020), Stig Hjarvard (2014), bell hooks (2021) e Luiz Henrique de Oliveira (2018). In this way, the study presents alternative publishing circuits as a contemporary phenomenon that has given black women who dedicate themselves to erotic writing the chance to occupy the literary scene and tear up a system that has placed them on the margins of the traditional publishing market and intellectual production through the objectification of their bodies and the control of their voices.

Keywords: erotic writing; alternative publishing circuits; black women; *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusas*.

Josefina Ludmer (2013), Regina Dalcastagnè (2012), Hugo Achugar (2006), Ítalo Moriconi (2020), Audre Lorde (2020), Stig Hjarvard (2014), bell hooks (2021) y Luiz Henrique de Oliveira (2018). De este modo, el estudio presenta los circuitos editoriales alternativos como un fenómeno contemporáneo que ha dado a las mujeres negras que se dedican a la escritura erótica la oportunidad de ocupar la escena literaria y desgarrar un sistema que las ha situado al margen del mercado editorial tradicional y de la producción intelectual a través de la cosificación de sus cuerpos y el control de sus voces.

Palabras-clave: escritura erótica; circuitos editoriales alternativos; mujeres negras; *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusas*.

A necessidade de repensar e reformular o corpus da literatura latino-americana deriva da certeza de que sua delimitação atual obedece, em última instância, a uma visão oligárquico-burguesa da literatura, visão que foi transmutada em base crítica quase axiomática, mediante operações ideológicas que só recentemente são discerníveis como tais. Deriva também da convicção de que o desenvolvimento real das contradições sociais na América Latina permite ensaiar outras alternativas que se vinculem aos interesses e à cultura populares.

Cornejo Polar

Em *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas* (2000), Cornejo Polar destaca a importância de rasurar o sistema por meio da inserção de diferentes segmentos literários responsáveis por contemplar a pluralidade histórica-social que forma a sociedade. Para tal feito, o autor nos convida a pensar na necessidade de termos à disposição narrativas que retratem questões sobre gênero e sexualidade, condição colonial e manifestações marginalizadas pelo cânone. Cornejo Polar (2000) justifica que essa necessidade de rasura foi percebida a partir do momento em que se observa um padrão masculino, heterossexual, burguês e branco predominando na cena literária, tanto no que diz respeito à crítica como à autoria.

Dalcastagnè (2012), ao refletir sobre a produção literária e o mercado editorial brasileiro, destaca que as produções que retratam o Brasil estão concentradas no Sudeste, afinal o eixo Rio-São Paulo representa os blocos com maior poder econômico, político e geográfico. Logo, as editoras de maior renome costumam estar concentradas nesse eixo, (re)produzindo padrões baseados no discurso do que pode (ou não) gerar lucro, reverberando na necessidade de o mercado editorial tradicional organizar-se em “nichos” para atender as demandas.

A maneira como se dá essa organização acaba contribuindo na dificuldade que determinados grupos enfrentam ao se dedicar ao exercício da escrita – reforçando a dualidade “alta” versus “baixa” literatura. As produções e autorias que fogem desse padrão são colocadas à margem da cena literária, tornando-se uma espécie de “planetas sem boca” que, como problematiza Hugo Achugar (2006), acabam passando por um processo de serem evitados, desqualificados e taxados como algo sem valor, logo não autorizados a falar sobre si e sobre suas experiências.

Na contramão desse cenário, Josefina Ludmer (2013) reflete sobre o fim do ciclo da autonomia literária. De acordo com a autora, além de acabar com a distinção “alta” versus “baixa” literatura, a pós-autonomia implica novas formas de produzir, circular e consumir literatura. Portanto, para compreender de que maneira essas autorias, por vezes colocadas à margem, estão subvertendo esse padrão, é preciso atentar-se aos movimentos contra-hegemônicos realizados por vezes outrora deslegitimadas.

Pensando nas mulheres negras, por exemplo, cabe destacar que foi cristalizado na nossa sociedade o discurso de que essas mulheres são incapazes de exercer qualquer tipo de produção intelectual. Com isso, por muito tempo, reforçou-se a ideia de que as mulheres negras não possuíam legitimidade para tecer relatos sobre si a ponto de assumir o lugar de autoras na cena literária.

No entanto, cada vez mais, mulheres negras estão assumindo o protagonismo da escrita e, ao fazer isso, esses escritos acabam sendo tratados como balbucios. Achugar (2006) esclarece que o balbucio teórico é visto, por aqueles que ocupam um lugar de prestígio na sociedade, como barulhos que tentam desorganizar a ordem vigente.

Em virtude disso, ocorre um movimento de tentar silenciar essas vozes, colocando-as na prateleira do “quase” – assim, mulheres negras são “quase” autoras que fazem “quase” obras e, talvez, um dia, cheguem perto de produzir uma “quase” literatura”. Tudo isso para deslegitimar, desqualificar, invisibilizar e negar espaço no mercado editorial tradicional.

Entretanto, essas vozes estão surgindo como uma erupção vulcânica. Quando menos esperávamos, uma avalanche de produções, autorias, vozes e escritos foram surgindo, por isso, o cerne da discussão, aqui estabelecida, está ligado ao fato de que, ao se tornarem protagonistas/autoras das suas narrativas, esses corpos dissonantes não encontram espaço no mercado editorial tradicional de publicação e precisam traçar estratégias para que seus escritos sejam publicados.

Teclar, subverter e ocupar a cena literária

Este novo modo de ler e escrever, mais rápido, simples, dinâmico e acessível, torna-se cada vez mais objeto de consumo, e destacaremos aqui o processo de imbricação que vem se verificando entre blogs e produção de literatura de massa. Por meio desta tecnologia, é possível observar o surgimento de espaços singulares de circulação e ascensão de novos autores, produzindo cada vez mais impacto sobre a indústria editorial.

Elisa Vidal, Gláucio Aranha e Patrícia Azevedo

O foco dessa epígrafe retirada do artigo “Das telas para o papel: blogs como fonte para a literatura de massa” (Vidal; Azevedo; Aranha, 2008, p. 4), ainda que esteja concentrado no *blog*, contribui para que possamos refletir sobre o uso de outras mídias sociais para a produção/circulação de literatura. Afinal, é notório o movimento de escritoras(es) que utilizam plataformas, a exemplo *Facebook* e *Instagram*, para exporem os seus escritos e conquistar um público leitor.

É necessário retomar o fenômeno denominado por Ítalo Moriconi (2020, p. 40) como “novo boom literário” para compreender essas novas formas de ler, escrever e consumir literatura. De acordo com o estudioso, esse fenômeno teve início na década de 1990, dando origem ao circuito da vida literária:

A nova vida literária no Brasil surgiu no suporte da rede. Ao contrário do estilo de vida literária tradicional na modernidade, os espaços de trocas entre escritores já não foram mais a livraria, a redação de jornal, nem o bar, a praia, a universidade [...] o espaço de circulação dos textos, de diálogo e interação autorreflexionante se deu mesmo nas revistas e sites literários na internet (Moriconi, 2020, p. 43).

Esse circuito teve início durante a popularização da internet, que também ocorreu na década de 1990. Nesse período o sistema *World Wide Web*, que popularmente conhecemos como *web* ou *www* assumiu um alcance mundial. Com isso, em 1997, os *blogs*, que até então eram vistos como páginas de notícias modificadas, assumiram outras funcionalidades, a depender de quem utilizasse essa mídia:

os blogs, desde as primeiras postagens na rede, disponibilizaram uma profusão de textos que permitiam a recepção imediata do leitor, por meio de espaços reservados aos

comentários, configurando-se como um modo metamídia, já que a mídia que publica o texto é a mesma que a divulga, assim como a recepção, ou seja, uma mídia engendrando outra mídia (Lima, 2023, p. 9).

É possível associar, por exemplo, que esse *boom* literário mencionado por Moriconi (2020) tem relação com o fato de o *blog* ter alcançado essa esfera mundial. Afinal, muitas pessoas que já se dedicavam ao exercício da escrita passaram a utilizar essa mídia para expor seus escritos e conquistar um público leitor, até porque como destaca Lima (2023), os *blogs*, aos poucos, deixaram de ser apenas uma mídia para construção de textos e passaram a ser, também, um espaço de experimentação estética para aquelas(es) que escreviam.

Com o decorrer do tempo, o uso da internet e das mídias sociais cresceram exponencialmente com o surgimento do *Facebook* e do *Instagram* – nos anos de 2004 e 2010, respectivamente. A partir do momento que essas mídias são utilizadas para promover a comunicação entre as pessoas, acabam se configurando como um espaço público onde expõem a sua privacidade e suas opiniões políticas, sociais e culturais.

Em virtude disso, outras demandas das plataformas e dos usuários ganham espaço e essas redes acabam impactando as instituições, as relações e a sociedade. Hjarvard (2014) assinala que esse fenômeno é denominado de *mediatização*, consistindo em um processo dinâmico, pelo qual a mídia se torna uma parte integral da vida cotidiana, interpenetrando em instâncias sociais e culturais, a ponto de atravessarem as estruturas, tornando-se uma instituição propriamente dita.

A partir do momento que a mídia atravessa as estruturas e as relações, ocorre uma ressignificação de padrões outrora cristalizados. No caso da literatura, por exemplo, a *mediatização* proporciona modificações significativas, uma vez que ocorre o surgimento de novas formas de ler, escrever, consumir e publicar, tudo isso porque:

No Brasil, desde a modernização e a democratização do acesso de um público mais amplo ao cinema, ao rádio e à TV, assistimos à contaminação, aos atravessamentos dos meios comunicacionais na escrita literária e no próprio campo, que precisa se reinventar e se atualizar constantemente em virtude da diluição das fronteiras entre formas literárias e mídias. O fato incontestável é que não se pode mais pensar em mutações da escrita literária sem refletir acerca do papel e da contaminação das mídias, já que a literatura, tal qual ocorre com outras artes, é vista como caixa de ressonância das diversas transformações pelas quais passa a sociedade (Lima, 2023, p. 2).

O surgimento massivo de autoras(es) mencionado por Moriconi (2020) segue ocorrendo em nossa sociedade, uma vez que cada vez mais escritoras(es) estão utilizando as redes sociais para publicizar suas produções literárias. É possível mencionar alguns motivos que contribuem para esse fato: a possibilidade de gerir a própria carreira, a oportunidade de viralizar e se tornar figura pública, a ideia de que a internet/redes sociais são um espaço de posicionamento e, também, por ser uma superfície alternativa para as(os) escritoras(es) que não encontram espaço no mercado editorial tradicional.

Autoras(es) individuais ou organizadas(os) em coletivos, por não quererem engavetar seus escritos, estão apostando na ideia de que, na contemporaneidade, publicar é se tornar visto/visível. Por isso, tem sido cada vez mais recorrente o surgimento de perfis literários que se dedicam a publicar novas vozes e obras por meio da produção independente. O coletivo Louva Deusas, por exemplo, no auge da sua atividade artística e literária utilizava o *blog* – na plataforma *WordPress* –, o *Facebook* e o *Instagram* para impulsionar, explorar e experimentar novas possibilidades para o fazer literário.

Esse surgimento expressivo de escritoras(es) e coletivos literários nas mídias digitais reverbera em uma outra possibilidade de circuito – o alternativo:

Formado pelo movimento da escrita e da publicação extramercado [...] nesse circuito, já não lidamos com literatura, se considerarmos que o conceito de literatura implica a circulação num mercado de livro e a condição profissional de produção deste livro, do lado do autor ou autora, atores principais do sistema. Os estudos culturais dissolvem o objeto literatura em função de outro objeto que tem a ver com o exercício social da escrita (Moriconi, 2020, p. 44).

O circuito alternativo, com o coletivo Louva Deusas, configura-se como uma estratégia para rasurar um sistema editorial padronizado que, por ser dividido em nichos, não oportuniza espaço para autoras(es)/temáticas que são vistas(os) como não lucrativas(os) aos olhos do mercado editorial tradicional.

O livro *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusas* (2015) teve todo processo de planejamento/idealização/criação no suporte da rede. Através de postagens no blog e no Facebook, as fundadoras do coletivo lançaram uma chamada pública para convidar escritoras e desenhistas negras – cis e transgênero – para submeter seus trabalhos. Após o período de análise dos materiais recebidos, as mulheres contempladas receberam a notícia, por meio dessas mídias, de que seus escritos/desenhos iriam compor um livro, sem que a escritora/desenhista precisasse arcar financeiramente com isso.

Estar desvinculado do mercado editorial tradicional implica, também, o fato de que esses coletivos e/ou autoras(es) precisarão traçar estratégias para arcar com os gastos da produção do livro. No caso da coletânea *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusas* (2015), o coletivo Louva Deusas optou por produzir o livro físico e somente após o lançamento, ocorrido em São Paulo, disponibilizar a versão em *e-book*. Para custear as despesas, o coletivo disponibilizou, nos seus perfis nas redes sociais, o link para uma vaquinha virtual, assim aquelas(es) que pudessem contribuir com o projeto teriam uma forma de fazer as doações.

É importante destacar que essas(es) escritoras(es) e coletivos literários que nascem no suporte da rede e vislumbram nesses circuitos alternativos uma forma de inserir-se na cena literária, precisam contar com esse poder da articulação e coletividade com pessoas/segmentos/coletivos que também estão nessa trilha do extramercado tendo como um dos pilares a “intervenção político-intelectual a fim de criar debates e formar continuamente leitores sensíveis a diversidade em sentido amplo” (Oliveira, 2018, p. 157).

Assim, os circuitos alternativos correspondem a um movimento de escrita e publicação extramercado que, enquanto fenômeno do contemporâneo, está ligado às mídias sociais/internet e é responsável por promover novas formas de ler, escrever, produzir, publicar e fazer circular literatura.

Rasurar, escrever, pertencer e gozar

As Louva Deusas trabalham de forma livre e espontânea, seus projetos são sustentáveis através de esforços mútuos das autoras e doações de amantes do nosso trabalho. No ano de 2012, nós lançamos a primeira coletânea de literatura de mulheres negras e agora inovamos ao tratar da sexualidade como motivo das poesias, contos e desenhos do livro. Um livro audacioso que coloca as mulheres negras como donas da sua sexualidade no combate a objetificação do corpo feminino e ao racismo patriarcal, inclusive na clausura dos círculos editoriais. Somos mulheres negras na primeira pessoa do singular e no plural.

Coletivo Louva Deusas

Nesse fragmento retirado da postagem que apresenta o lançamento do livro *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusas* (2015) é possível ter dimensão do quanto esse coletivo e, consequentemente, suas produções, são contra-hegemônicas e insubmissas.

O coletivo Louva Deusas foi idealizado por Jackeline Romio, Priscila Romio e Gabriela Santos. Pela maneira que esse projeto apresenta-se em um *blog* na plataforma *Wordpress* fica evidente que a insubmissão dá-se a partir do momento em que são oportunizadas estratégias de publicação para escritoras negras – cis e transgênero – que não encontram espaço no mercado editorial tradicional.

Esse coletivo é responsável pela organização e publicação de três obras, sendo elas: *Coletânea de Literatura Feminina Negra Louva Deusas* (2012), *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusas* (2015) e *Erupções Feministas Negras: 3ª Coletânea de Literatura e Arte Feminista Negra Louva Deusas* (2020). Observando os anos de publicação dos livros organizados por esse coletivo, e

levando em consideração que não há nenhum indício nas redes de outra coletânea a ser realizada, é possível perceber que não há uma periodicidade dos lançamentos. Muito pelo contrário, há uma lacuna em torno de 3 a 5 anos entre um exemplar e outro, dado esse que pode estar ligado às demandas financeiras e a dificuldade de gestar o tempo para se dedicar ao processo de organização, produção e publicação das obras.

A coletânea *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusas* (2015) foi a segunda obra a ser publicada por esse coletivo e contou com a edição de Priscila Ferreira Romio. Nessa produção, é possível conhecer o trabalho de 41 escritoras e 11 desenhistas negras – cis ou transgênero. A coletânea em questão não possui vínculo com o mercado editorial tradicional, assim não há divisão de papéis. Portanto, as idealizadoras do projeto participaram de todo o processo de produção dessa coletânea – organizando a publicação, nas redes sociais, com a chamada para escritoras e desenhistas; fazendo a seleção das artistas contempladas; além disso, editaram e divulgaram o lançamento e a versão final da coletânea.

Pelo fato de ser uma produção independente e que contou com a ajuda financeira daquelas(es) que decidiram contribuir com a vaquinha virtual voltada para cobrir os custos de confecção do livro, o exemplar não foi comercializado pelo coletivo. As organizadoras da coletânea, as escritoras e artistas negras que participaram do projeto, tiveram direito ao exemplar físico, assim como todas as pessoas que estiveram presentes no lançamento da coletânea.

Os coletivos literários e as(os) autoras(es) que recorrem ao circuito alternativo de publicação para ocupar espaço na cena literária, a exemplo do coletivo Louva Deusas e das artistas que compõem esse livro, costumam preocupar-se, também, com a democratização do acesso ao livro e à leitura. Por isso, há um cuidado e uma preocupação em fazer com que essas produções se tornem acessíveis e circuláveis, fazendo com que pessoas, historicamente, à margem da sociedade e com menor capital cultural tenham acesso à literatura.

Além dos exemplares físicos, distribuídos no dia do lançamento do livro, o coletivo oportunizou o acesso à coletânea liberando o *download* gratuito dessa obra no *blog* do coletivo, em formato *e-book*. O *e-book*, também conhecido como livro eletrônico, é uma mídia que surge em 1971, período de popularização da internet nos Estados Unidos.

O surgimento dessa mídia deu-se pela necessidade de fazer circular textos que na época deveriam ser de domínio público. Além das questões de cunho técnico e estético que diferem o livro físico do *e-book*, podemos destacar que, a partir do momento em que ambos são mídias, o fator responsável por diferenciá-los é o suporte. Até porque como destaca Mello Júnior (2006, p. 17) o leitor possui maneiras distintas de conceber a recepção de uma obra literária, ora através do papel, ora pelas telas.

No caso da ação realizada pelo coletivo Louva Deusas de disponibilizar o exemplar da coletânea *Além dos quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusas* (2015) de maneira gratuita por meio do *e-book* é resultado, também, dessa publicação acontecer por meio do circuito alternativo. Uma vez que esse coletivo precisou traçar estratégias desassociadas do mercado editorial tradicional, a comercialização deixa de ser uma opção, quando um dos objetivos desse projeto é alcançar não só as escritoras que estão à margem, mas, também, as(os) leitoras(es) que não tem fácil acesso ao livro e a leitura.

Além dos quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusas (2015) é uma produção independente que emerge na cena alternativa e oportuniza às mulheres negras a possibilidade de tecer relatos sobre si, sobre o seu próprio corpo e sobre suas experiências através do erótico. Audre Lorde (2020) chamou atenção para a maneira como o erótico atua na vida de cada indivíduo enquanto um instrumento de poder.

No caso das mulheres, com foco para a categoria que pertence, mulher negra, Audre Lorde destaca que o erótico é uma força, em muitos casos, adormecida, e que, quando acessada, contribui para o empoderamento, afinal:

o erótico não diz respeito apenas ao que fazemos; ele diz respeito à intensidade e à completude do que sentimos no fazer. Uma vez que conhecemos a extensão do que somos capazes de experimentar, desse sentimento de satisfação e completude, podemos constatar quais dos nossos vários esforços de vida nos colocam mais perto dessa plenitude [...] com a celebração do erótico em todos os nossos esforços, meu trabalho passa a ser uma decisão

consciente – uma cama tão desejada, na qual me deito com gratidão e da qual me levanto empoderada (Lorde, 2020, p. 69).

Em virtude dessa potência que habita no erótico, foi sendo enraizado, na sociedade, discursos que contribuem para a negação do mesmo. Incentivar as mulheres negras a negar o poder despertado pelo erotismo é uma forma de seguir controlando esses corpos. O controle e a dominação dos corpos dessas mulheres foi um fenômeno, por muito tempo, (re)produzido na cena literária.

No entanto, para além da denúncia desse fenômeno, mulheres negras estão ocupando espaços na cena literária, assumindo o protagonismo da narrativa, e tecendo relatos a partir de outra perspectiva:

as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira (Evaristo, 2005, p. 54).

É através dessa imposição enquanto sujeito-mulher-negra que as escritoras e desenhistas preenchem as páginas da coletânea *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusas* (2015), com produções que retratam o corpo, a sexualidade e a autonomia de si da mulher negra. Através da arte-erótica, manifestada por meio da escrita e do desenho, esse livro retrata temas outrora tratados como tabu: masturbação feminina, sexo casual, relações homoafetivas, prazer feminino, autoaceitação, rompimento de relações abusivas, autoconhecimento e amor afrocentrado.

É possível destacar dois escritos que contemplam a proposta apresentada por Audre Lorde (2020) acerca do poder que reside no erótico e são eles *Corpo!* (Louva Deusas, 2015, p. 51-52) de Pabline Santana e *Hoje eu...* (Louva Deusas, 2015, p. 37-38) de Mel Duarte. As escritoras optaram por trazer para o centro das suas narrativas corpos negros que se apresentam de maneira despida – dos pudores, dos medos, dos traumas, das renúncias e das violências.

Pabline Santana em *Corpo!* traz, inicialmente, uma temática que é muito importante nas questões de gênero e raça: a afirmação da identidade. Em “há nesse corpo de pele preta”, expressão que se repete 7 vezes, a autora pratica a autoafirmação, fazendo com que não ocorra mais dúvidas de que ela se enxerga como uma mulher negra.

Essa autoafirmação, constantemente reforçada, não só contribui para a construção da identidade da mulher negra como, também, proporciona o enfrentamento ao fenômeno “vergonha de si”, outrora mencionado por Isildinha Nogueira:

Quando o processo de despersonalização de que nos fala Sami-Ali é levado às últimas consequências, o indivíduo sofre a perda da condição de sujeito e, correlativamente, sofre uma quebra no processo de simbolização: ocorre, então a perda do simbólico, que implica na impossibilidade de elaboração de qualquer situação do seu cotidiano [...] A vergonha não habita o recém-nascido: esse sentimento começa a existir a partir da percepção do julgamento do outro, e produz, como consequência para o sujeito, um estado de angústia (Nogueira, 2021, p. 126-127).

O processo de despersonalização, mencionado pela estudiosa, consiste na ideia de que o sujeito precisa lidar com questões internas que alternam entre o sentimento de perder *versus* tentar recuperar a sensação de possuir o próprio corpo. Corpos negros, em virtude do legado da escravidão, tiveram, na sua trajetória, marcas de invisibilidade e desumanização. Portanto, a vergonha de si é resultado da angústia que habita nesses corpos.

A existência da angústia dá-se por conta da maneira como esses corpos foram representados ao longo dos anos. Representações que dificultam o entendimento de si e que, por meio da desumanização e invisibilidade, reverberam na vergonha e na incapacidade de tecer relatos sobre si.

Enfrentando esse cenário, a autora Pabline Santana opta por trazer para cena um corpo feminino e negro que já se pertence, portanto, não há mais espaço para a angústia e a vergonha. Logo, questões acerca de identidade, pertencimento e entendimento de si não são aspectos a serem problematizados nesse escrito, afinal os versos ressoam convicção e autonomia. A partir

do momento que essa voz-personagem tem total conhecimento sobre quem é e sobre o seu corpo, ela não apresenta dúvidas do que a satisfaz:

Há nesse corpo de pele preta
uma mulher que anseia por prazer!
Mulher de sentimento sublime
que se acaricia lentamente
ao sentir uma necessidade corporal.
Há nesse corpo de pele preta
uma mulher que anseia vulgaridade!
Mulher de sentimento carnal
que acelera pelo corpo
as prazerosas carícias.
Há nesse corpo de pele preta
uma mulher que se deita e geme!
Mulher que se cala e sente! (Louva Deusas, 2015, p. 51).

Audre Lorde (2020) chama atenção sobre o quão poderosa é uma mulher que entende e desperta a essência erótica outrora adormecida. Ao fazer uso dessa potência, as mulheres assumem o poder que há dentro de si a ponto de terem a convicção do tipo de relação que desejam vivenciar:

Há nesse corpo de pele preta
uma mulher que deseja um outro corpo!
Mulher que relaxa sensualmente
ao sentir em seu corpo
a saliva de um beijo molhado (Louva Deusas, 2015, p. 51).

Por muito tempo foi reproduzida na sociedade a ideia de que as relações sexuais possuíam duas funções: o prazer masculino e a reprodução/maternidade. Para alcançar esse feito, os corpos femininos tornaram-se reféns de discursos que contribuíram para a objetificação e exploração.

Assim, foi repercutida a ideia de que corpos femininos não deveriam preocupar-se com o próprio prazer, afinal a sua existência era para satisfazer o outro e atender as demandas sociais – matrimônio e maternidade. No entanto, a autora Pabline Santana nos apresenta outra realidade, a de uma mulher negra que alcança o que em outro momento foi negado ao feminino – o orgasmo:

Há nesse corpo de pele preta
uma mulher sexy e exótica!
Mulher que descansa
ao chegar ao ápice da exaustão de um orgasmo bem sentido
(Louva Deusas, 2015, p. 51-52).

Segundo Audre Lorde (2020), o erótico é uma força vital que empodera as mulheres ao oferecer as munições necessárias para a autoafirmação e o entendimento de si. Em *Corpo!*, essa mulher negra pode ser lida como um corpo que dança, ora ele baila na melodia do sentimento, ora baila nos acordes do prazer carnal. Independente da melodia, esse corpo se conhece, se controla, se permite e se satisfaz – sozinha ou acompanhada, essa mulher sabe bem o que quer e quem é:

Há nesse corpo de pele preta
uma mulher humana, natural!
Uma mulher doce e perigosa
dotada de um corpo que deseja
de um corpo que sente
de um corpo que pede
de um corpo que faz
ao sentir necessidade!
Mulher de sentimento carnal
que deseja o erotismo
de uma noite gozada de prazer!
Há nesse corpo de pele preta! (Louva Deusas, 2015, p. 52).

Em *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, bell hooks (2021) nos faz refletir sobre o quanto é revolucionário falar de amor em um sistema que potencializa a individualidade e o desamor. A autora destaca que o patriarcado acaba impactando na possibilidade de o amor ser manifestado e construído. Ouso afirmar que o racismo pode, facilmente, ser mais uma barreira para a construção do amor, afinal, por muito tempo, foi negado ao povo negro a possibilidade de amar e ser amado. Uma vez que bell hooks (2021) afirma que o amor é uma potência que contribui para o enfrentamento das violências, negar esse poder ao povo negro é uma estratégia de controle e dominação.

Audre Lorde (2020) traz o erótico como uma força vital responsável por empoderar o feminino. Já bell hooks (2021) apresenta o amor como uma potência que contribui para a realização humana e a superação de dores e traumas. Partindo desse diálogo, podemos presumir que a união do amor com o erótico tende a ser uma poderosa aliada para enfrentar as desigualdades.

Mel Duarte, em *Hoje eu...*, traz essa junção. Assim, por meio da escrita erótica, essa autora traz, para a cena literária, o corpo de uma mulher negra, que manifesta a vontade de estar com seu parceiro, um homem negro, desfrutando dessas duas potências – o erotismo e o amor:

Hoje eu te queria
Deita na cama, na minha cama vazia eu te queria
Sem celular, sem stress, sem correria
Só nós, corpo, espaço, voz
Carinho e calma.

Não tenho garras, não faço mandinga de amor
Só me consome esse desejo, culpa da tua pele, teu calor.
Negro, me diz como faz pra acalmar a carne?
Pra saciar esse querer que minha alma invade? (Louva Deusas, 2015, p. 37).

É possível perceber que a relação cultivada por esse casal é repleta de muito afeto, carícias e carinho que começam a ser manifestados antes mesmo do encontro entre esses dois corpos. Em relatos que misturam o sentimento, a entrega, o desejo, a ancestralidade e o prazer. É possível notar uma mulher negra que entende que o seu corpo é o seu lar e, por isso, ela deve cuidar da melhor forma e partilhá-lo somente com quem a respeita e a satisfaz:

Hoje eu te queria aqui, pequeno
Pra cuidar do teu riso sereno,
Pra dividir o cheiro que fica na ponta dos dedos
Vou deixar tudo pronto:
Banho, incenso, isqueiro.
Vou cuidar do jardim,
Da semente que plantou em mim
Vou bater as mantas,
Entoar um mantra
Pedir bença e proteção.
Vou jogar pro universo o bem que te quero em forma de canção
(Louva Deusas, 2015, p. 37-38).

Levando em consideração que, na atualidade, há estudos sobre a solidão afetiva da mulher negra e a ausência de afeto nas relações afrocentradas, a poesia de Mel Duarte rompe essas barreiras e avança, ao trazer relatos de carinho, afeto, cumplicidade e prazer entre dois corpos negros.

Em consonância com as contribuições de Audre Lorde (2020), é cabível destacar que o erótico atua como uma autoconexão a ser compartilhada entre os corpos. De acordo com a estudiosa, quando as mulheres permitem que a essência erótica floresça dentro de si, elas passam a compreender que “tal satisfação é possível e não precisa ser chamada de *casamento*, nem de *deus*, nem de *vida eterna*” (Lorde, 2020, p. 71).

Em *Hoje eu...*, Mel Duarte contempla essa questão, uma vez que essa voz-personagem demonstra a vontade de estar com esse homem, mas sem apegar-se a uma idealização, uma possível eternidade e a necessidade de vincular-se ao matrimônio:

Mas veja bem, não é querer pra si, nem querer pra sempre
É acrescentar e poder fazer diferente
Aconteceu que hoje... Ahhh...
Hoje eu te queria,
Quente.
O corpo pede e o espírito sente (Louva Deusas, 2015, p. 38).

A maneira como essas escritoras negras apropriam-se da escrita erótica é um movimento transgressivo e de rasura. Em uma sociedade que possui, nas suas entranhas, o controle, a objetificação e a hipersexualização dos corpos negros, deparar-se com narrativas que trazem essas mulheres no protagonismo é uma das formas de enfrentar o sistema e ir além. E, ao ir além, elas passam a ocupar o lugar de donas de si.

Conclusão

Atualmente, ainda é possível percebermos discursos que reafirmam a necessidade de as mulheres negras assumirem o protagonismo das suas vidas e tecer relatos sobre si. Discussões como essas foram sendo reafirmadas ao longo do tempo porque os holofotes literários estiveram, por muito tempo, voltados para produções cuja autoria era masculina, branca e heterossexual.

Em virtude disso, os espaços para as minorias – com foco, aqui, para as mulheres negras – foi sempre restrito e negado. Em consequência dessa negação do mercado editorial tradicional, criou-se a ideia de que essas mulheres não se dedicavam a produção intelectual através do exercício da escrita.

Conceição Evaristo, durante a sua participação na segunda edição do “Conversas para Iluminar o Mundo” (Fortuna; Evaristo, 2024) relatou as dificuldades encontradas para se consolidar como escritora em um mercado editorial que possui nichos muito específicos. Destacando a importância de termos, na atualidade, mulheres negras que retratem suas experiências, a escritora afirmou que está se dedicando a escrita de um livro de contos eróticos.

Trazendo à tona o debate acerca do etarismo, Conceição Evaristo afirma que muitas pessoas podem dizer que uma mulher negra, aos 77 anos, não deveria estar desfrutando da escrita erótica. Rememorando algumas experiências, a escritora afirma que, só agora, consegue debruçar-se sobre o erotismo porque cresceu em uma sociedade na qual as mulheres foram moldadas para não falar sobre suas experiências sexuais abertamente.

No entanto, Conceição Evaristo destaca que a nova geração tem feito isso com competência e isso contribuiu para que ela decidisse se dedicar a escrita erótica. Portanto, é necessário que avancemos o debate, se antes eram (re)produzidos discursos que colocavam as mulheres negras como incapazes de serem produtoras intelectuais, hoje precisamos partir do ponto de que essas mulheres estão escrevendo e o obstáculo, na verdade, consiste em encontrar espaço no mercado editorial tradicional para publicar suas produções. Desse modo, almejando circular suas publicações, as mulheres negras passaram a traçar estratégias para expor seus escritos e alcançar um espaço na cena literária.

Atraídas pela possibilidade de gestar a própria carreira e ter ao alcance de alguns *posts* a chance de fazer seus escritos conhecidos, essas escritoras enxergaram nas mídias sociais uma possibilidade de publicar/fazer circular sua literatura. Além dos perfis dessas escritoras, podemos encontrar, nas redes sociais, perfis de coletivos literários que também estabelecem novas formas de fazer literatura.

Denominado por Moriconi (2020) como circuito da vida literária, essa forma de fazer literatura por meio da internet faz surgir novas(os) escritoras(es) que não encontraram espaço no mercado tradicional. É importante destacar que esse *boom* literário resultante da escrita que nasce no suporte da rede ocorre no momento em que a revolução tecnológica estava causando especulações em diversos setores da indústria criativa – a exemplo, da música e do livro.

Esse crescimento avassalador da internet, na década de 1990, fez com que esses setores criativos passassem a investir significativamente em projetos digitais. Como menciona Thompson (2013), a indústria do livro, por exemplo, destinou capital para o surgimento de campanhas e projetos voltados a digitalização do conteúdo dos livros para que, posteriormente, as obras fossem disponibilizadas em diversos formatos.

Além desse investimento feito pelo mercado editorial, o crescimento da internet e das mídias sociais reflete, também, na explosão de escritoras(es). Enxergando, no suporte da rede, uma nova forma de fazer literatura e publicar os seus escritos, essas pessoas que se dedicam ao exercício da escrita e que não encontram espaço no mercado editorial tradicional contribuem para o surgimento dos circuitos alternativos de publicação, enquanto um segmento extramercado e que se dedica à produção de obras de maneira independente do segmento editorial tradicional.

O coletivo Louva Deusas, por exemplo, é um coletivo literário e feminista negro que oportuniza a inserção de escritoras e desenhistas negras na cena literária e artística. Uma das publicações organizadas pelo mesmo foi a coletânea *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusas* (2015) formada por 41 escritoras e 11 desenhistas.

Todo o processo dos bastidores até chegar ao lançamento do livro físico e a distribuição da versão *e-book*, por meio do site do coletivo, ocorreu por meio das redes sociais, configurando, assim, o circuito alternativo. A chamada no Facebook para a seleção de escritoras e desenhistas, o envio das produções para o *e-mail* do coletivo, a divulgação das escritoras/desenhistas contempladas através da postagem no Facebook/site do coletivo e, posteriormente, a circulação do livro em formato eletrônico.

Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusas (2015) foi uma produção independente que nasceu por conta dos esforços das idealizadoras e fundadoras do coletivo. Por estar desvinculada do mercado editorial tradicional, o coletivo precisou em determinado momento da ajuda financeira, para arcar com os gastos do processo de confecção e editoração do livro.

Nascida no suporte da rede e alcançando as casas das mulheres negras que já estavam publicando seus escritos/artes visuais nas redes sociais, a coletânea *Além dos Quartos* (2015) subverte e rasura um sistema que não disponibilizava espaço para essas novas vozes.

Através do erótico, essas escritoras/artistas negras trazem novas possibilidades em que o protagonismo e o controle desses corpos são papéis assumidos por elas. Por meio de escritos/desenhos que rompem tabus acerca do corpo, da sexualidade, do prazer e do gozo essa obra rompe, também, com o tabu de que mulheres negras não devem ocupar a cena literária.

Os espaços tradicionais até podem ser negados mas, como sempre, essas mulheres lutam, resistem e traçam novas alternativas. Ao convidar as mulheres negras para erguerem a voz, bell hooks (2019) convida-nos a pensar sobre o quanto é importante responder, retrucar, discordar e ter opinião própria. Nem sempre a sociedade e as demais instâncias que compõem o corpus social estarão preparados para ouvir essas vozes que se erguem, mas, na ausência de sensibilidade para serem escutadas, as mulheres negras estão erguendo suas vozes através da escrita – na rede, nas telas e/ou nas páginas impressas.

Referências

- ACHUGAR, Hugo (2006). *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- DALCASTAGNÈ, Regina (2012). *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte/Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- INFOGRAPHYA (2022). *Conheça a história do blog e sua evolução*. 31 ago. 2022. Disponível em: <https://infographya.com.br/conheca-a-historia-do-blog-e-sua-evolucao/#:~:text=Os%20primeiros%20relatos%20do%20surgimento,blogs%20de%20hoje%20em%20dia>. Acesso em: 1 out. 2024.
- HJARVARD, Stig (2014). *Midiatização: conceituando a mudança social e cultural*. *MATRIZES*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 21-44, jan./jun. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/82929> Acesso em: 1 out. 2024.

hooks, bell (2021). *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Elefante.

hooks, bell (2019). *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Editora Elefante.

LIMA, Elizabeth G. (2003). Mutações da escrita literária em modo multi e metamídia. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 1-14, set./dez. Disponível em: https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/download/16547/12225&ved=2ahUKewjiuYT7_8SMAxUeLrkGHcpHF_sQFnoECBwQAQ&usg=AOvVaw3hpgv0akzl9IYO41uMuB23 Acesso em: 1 out. 2024.

LORDE, Audre (2020). *Irmã Outsider*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica.

LOUVA DEUSAS (org.) (2015). *Além dos quartos: coletânea erótica negra* Louva Deusas. São Paulo: Edição independente.

LUDMER, Josefina (2013). *Aqui América Latina: uma especulação*. Tradução de Rômulo Monte. Belo Horizonte: Editora UFMG.

FORTUNA, Maria; EVARISTO, Conceição (2024). *Conversas para iluminar o mundo* – Maria Fortuna e Conceição Evaristo. Publicado em Manouche. YouTube, 21 mar. 2024. 1 vídeo (1h24m35s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tsjv1Hxhoos> Acesso em: 1 out. 2024.

MELLO JÚNIOR, José (2006). *Do códex ao e-book: metamorfoses do livro na era da informação*. 2006. 424f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade Paulista – UNIP, São Paulo.

MORICONI, Ítalo (2020). *Circuitos contemporâneos do literário* (p. 31-49). In: MORICONI, Ítalo (2020). *Literatura, meu fetiche*. Recife: Cepe Editora.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista (2021). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de (2018). Os quilombos editoriais como iniciativas independentes. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 155-170. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18829> Acesso em: 1 de out. 2024.

POLAR, Antonio Cornejo (2000). *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Tradução de Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: UFMG.

THOMPSON, John B. (2013). *Mercadores de cultura: o mercado editorial no século XXI*. São Paulo: Editora Unesp.

VIDAL, Elisa; AZEVEDO, Patrícia; ARANHA, Gláucio (2008). Das telas para o papel: blogs como fonte para a literatura de massa. *Interin*, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 1-9. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228974813_Das_telas_para_o_papel_blogs_como_fonte_para_a_Literatura_de_Massa Acesso em: 1 out. 2024.